

O ESPÍRITO SANTO E A SUFICIÊNCIA DA BÍBLIA

Cleub Evaristo¹

RESUMO

O cenário evangélico brasileiro tem sido palco de várias controvérsias relacionadas à doutrina da inspiração da Bíblia e de sua suficiência como regra de fé e prática para o cristão. Portanto, o presente artigo procura apresentar, de forma direta, um breve relato sobre a natureza, a inspiração e a suficiência das Escrituras, destacando a ação contínua e permanente do Espírito Santo através de todos os seus textos, desde a sua origem, pela inspiração até a iluminação do crente no momento da leitura das Páginas Sagradas.

Palavras-chave: Espírito Santo. Escrituras. Inspiração. Verbal e Plenária. Suficiência.

ABSTRACT

The Brazillian evangelical scene has been the scene of several controversies related to the doctrine of the inspiration of the Bible and its sufficiency as a rule of faith and practice for the Christian. Therefore, this article seeks to present directly a brief account of on the nature, the inspiration and the sufficiency of the Scriptures, highlighting the continuous and permanent action of the Holy Spirit through all its texts; from its origin through inspiration to the believer's enlightenment when reading the Sacred Pages.

Keywords: Holy Spirit. Scriptures. Inspiration. Verbal and Plenary. Sufficiency.

¹ Pós graduado em Docência do Ensino Superior e pós-graduando em Teologia Sistemática pela Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB). Bacharel em Teologia, também pela FASSEB. Professor de Teologia convidado na Faculdade Piracanjuba (FAP), na FASSEB e nos seminários STEBB, SETEBLIR e SETAL. É pastor na Comunidade da Fé – Igreja Cristã, em Goiânia, Goiás. E-mail: cleubevaristo@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este breve artigo traz à baila uma síntese a respeito da natureza e inspiração das Escrituras, destacando a obra contínua do Espírito Santo por meio dos textos sagrados. Isto por causa da relevância desse assunto para a atualidade, considerando-se que, recentemente, um conhecido pastor e teólogo brasileiro disse que “a Bíblia deve ser vista como um livro insuficiente, e que ela precisa ser atualizada” (informação verbal²). Infelizmente, posicionamentos similares a este em relação à Bíblia fazem parte do contexto cristão brasileiro, e o que é pior, eles têm crescido muito nos últimos dias. Por incrível que pareça, muitos dos brasileiros que se identificam como cristãos até acreditam que a Bíblia é inspirada por Deus, todavia, de alguma forma rejeitam sua infalibilidade e suficiência!

Existem também muitos cristãos no Brasil que não acreditam na inspiração “total” (verbal e plenária) das Escrituras; acreditam, sim, que a Bíblia apenas contém a Palavra de Deus. Para estes, a Palavra de Deus pode ser encontrada dentro da Bíblia, porém não em toda a Bíblia. Outros não creem que a Bíblia é a Palavra de Deus; creem, sim, que ela pode se tornar a Palavra de Deus, isto, de acordo com a experiência existencial de cada um com algum texto bíblico. Para estes, a Bíblia é apenas uma mediadora da Palavra de Deus. Existem também aqueles que são totalmente contrários à inspiração das Escrituras. Estes afirmam que a Bíblia é um livro meramente humano e que seu valor resume-se apenas em sua historicidade³.

Muitos optam conscientemente por uma dessas concepções em razão de seus posicionamentos teológicos; em contrapartida, há aqueles que acabam assumindo um desses posicionamentos por causa do ceticismo natural do ser

² Afirmação de Ed René Kivitz no sermão Cartas vivas contra letras mortas, em 25 de outubro de 2020, disponível em: <<https://youtu.be/QLgaENPto2U>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

³ Estes conceitos a respeito da Bíblia são provenientes de um método de interpretação das Escrituras e de alguns movimentos teológicos que nasceram sob a influência do Racionalismo Moderno (século XVII) e do Iluminismo (século XVIII). São eles: a alta crítica da Bíblia, o liberalismo teológico a neo-ortodoxia e o método histórico-crítico de interpretação da Bíblia. Os dois primeiros negam a inspiração verbal e plenária das Escrituras e tratam a Bíblia como um livro comum como outro qualquer. A neo-ortodoxia rejeita a ideia de que a Bíblia é um livro meramente humano, porém, não admite que ela é a Palavra de Deus, mas, acredita que ela pode se tornar a Palavra de Deus mediante a experiência existencial do homem com um dos seus textos. O conceito de que a Bíblia não é, mas contém a Palavra de Deus, fundamenta-se no método histórico-crítico de interpretação das Escrituras. Este método se estruturou a partir da proposta de Johann Solomo Semler (1725-1791) de separar a “Palavra de Deus” da “Escritura”. Desde então, iniciou-se a busca por um “pseudo” cânon normativo dentro do cânon formal da Bíblia; o que deu origem às críticas da Bíblia conhecidas como: a crítica das fontes, a crítica da forma e a crítica da redação.

humano, ou por falta de conhecimento sobre a doutrina da inspiração das Escrituras e da atuação permanente e contínua do Espírito Santo através dos textos sagrados!

Negar a inspiração das Escrituras é o mesmo que inutilizá-la; afinal, para que serve um livro que trata da revelação de Deus, se o Deus que se revelou por meio dele não é o seu principal autor? Acreditar que a Bíblia é parcialmente inspirada, e que apenas contém a Palavra de Deus, é admitir que sua infalibilidade restringe-se somente a algumas partes da Escritura. Não obstante, aceitar o fato de que ela é um livro inspirado por Deus, mas, também admitir que ela é insuficiente e desatualizada, seja talvez a maior de todas as contradições!

2 A INSPIRAÇÃO E A NATUREZA DAS ESCRITURAS

“A Bíblia é fenômeno explicável apenas de um modo – ela é a Palavra de Deus. Ela não é um livro que um homem escreveria se *pudesse*, ou que poderia escrever se *quisesse*” (CHAEFER, 2003, p. 64, grifo nosso). Ela é inspirada por Deus! De acordo com Millard J. Erickson: “Por inspiração das *Escrituras* entendemos a influência sobrenatural do Espírito Santo sobre os autores das *Escrituras*, que converteu seus escritos em um registro preciso da revelação ou que faz com que seus escritos sejam realmente a Palavra de Deus” (1997, p. 67, grifo nosso).

A Bíblia não é um livro meramente natural ou simplesmente humano; ela possui uma natureza divino-humana, como afirma John M. Frame: “A Escritura é um livro divino e humano ao mesmo tempo. Deus é o autor e há autores humanos também” (2013, p. 133). A respeito dessa natureza da Escritura, o apóstolo Pedro destaca o seguinte:

Sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo (ARA, 2 Pe 1.20, 21).

O apóstolo destaca que nenhuma “προφητεία γραφῆς” (*profêteia grafês*), “profecia da Escritura” (o que está registrado na Escritura), partiu de “ἰδίᾳ ἐπιλύσεως” (*idias epiluseôs*). Esta frase recebe as seguintes traduções em português: “interpretação pessoal”, na Nova Versão Internacional (NVI); “particular interpretação”, na Almeida Revista e Corrigida (ARC); “particular elucidação”, na

Almeida Revista e Atualizada (ARA); “explicar, por si mesmo”, na Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH) e “interpretação pessoal” na Bíblia King James Atualizada (KJA).

O comum entre todas essas traduções, é que partem dos dois significados mais usados do substantivo *epiluseôs*: “interpretação” e “explicação”; entretanto, esta palavra também significa: “decisão”, “liberação”, “soltura”. Em Atos 19.39 um cognato verbal (ἐπιλυθήσεται [*epiluthêsetai*]) do substantivo “ἐπιλύσεως” (*epiluseôs*), é usado com o sentido de “decidir”. Este significado da palavra faz mais sentido ao que o apóstolo quis transmitir através do texto, afinal, não foi a partir de uma “decisão pessoal humana”, que as profecias foram dadas, muito menos, a iniciativa de registrá-las (Escrituras). Isto é evidenciado na sequência do texto, quando o apóstolo destaca que nenhuma profecia foi dada por “θελήματι ἀνθρώπου” (*thelêmati antrôpou*), “vontade do homem”, mas, que homens “falaram” da parte de Deus, “movidos” pelo Espírito Santo!

A palavra que foi traduzida por “falaram” é o verbo grego ἐλάλησαν (*elalêsan*) sugerindo que falaram o que receberam de Deus para falar, ou seja, transmitiram a Palavra de Deus através de suas palavras, enfim, foram “movidos” pelo Espírito Santo. O verbo que foi traduzido por “movidos” é o particípio presente passivo φερόμενοι (*feromenoi*); esta palavra era usada para descrever o efeito do vento nas velas dos barcos, movendo-os na direção em que ele soprasse. Dessa forma, entende-se que a ação principal na “inspiração” das Escrituras foi divina, e que a ação humana foi secundária, pois tanto a origem das profecias, quanto a decisão de escrevê-las não partiu da vontade de nenhum homem, e sim da vontade de Deus! Contudo, alguns homens foram selecionados por Ele, e tiveram o privilégio de participar desse maravilhoso trabalho. Falando sobre isso, Frame afirma:

O versículo 20 nega que essas palavras escritas venham de uma fonte meramente humana [...], na verdade a passagem não é sobre interpretação, mas sobre origem – mais precisamente, acerca da base de autoridade da Escritura. Na verdade, a passagem nos fala que as Escrituras não se originaram de homens que interpretaram a realidade a partir de sua própria experiência, como os eruditos modernos. Essa verdade fica clara no versículo 21, que nega que a Escritura é produzida pela vontade de um ser humano. Isso não nega o envolvimento de escritores humanos, pelo contrário, falavam de Deus, conduzidos pelo Espírito Santo. Isso quer dizer que escreviam o que o Espírito os dirigia a escrever, não que escolhessem autonomamente o que escrever. A autoridade das palavras deles,

portanto, é a autoridade do Espírito, não a autoridade de um mero escritor humano (2013, p. 122).

Não se sabe ao certo quais são os escritos que hoje são comumente denominados de Novo Testamento já faziam parte das Escrituras na época em que o apóstolo Pedro escreveu sua segunda carta (provavelmente em 66 d.C.). Todavia, para ele, quando escreveu esta epístola, o termo “Escritura” não se referia apenas ao Antigo Testamento, pois no epílogo da missiva ele coloca as cartas de Paulo em pé de igualdade às Escrituras do Antigo Testamento:

Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis, e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato costuma fazer em todas as suas epístolas nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles (ARA, 2 Pe 3.14-16).

Todavia, sabe-se que quando Pedro escreveu sua segunda epístola falando sobre a natureza da Escritura e de como os homens foram conduzidos pelo Espírito Santo na grafia dos textos, não estava fazendo menção apenas ao Antigo Testamento! O apóstolo Paulo também trata da inspiração, natureza e origem das Escrituras, quando escreve sua segunda carta a Timóteo.

Ao falar sobre essa questão, o apóstolo destaca a autoridade e a importância da Escritura, e descreve a amplitude da inspiração divina quando usa o conceito que antes era comum para descrever apenas o Antigo Testamento: “as Sagradas Letras”:

Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foi inteirado, sabendo de quem o aprendeste e que, desde a infância sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (ARA, 2 Tm 3.14-17).

O apóstolo, com o intuito de reiterar a Timóteo sobre a origem, a importância e a autoridade da Escritura, fez uso de uma expressão que era comum entre os

judeus que falavam grego, para descrever os escritos do Antigo Testamento: “τά ἱερὰ γράμματα” (*ta hiera grammata*), “as Sagradas Letras”, “as Sagradas Escrituras”, “as Santas Escrituras”. Isto, com certeza, por duas razões: a primeira, por uma questão cronológica, pois quando Timóteo era ainda um infante, não existia nenhum texto do Novo Testamento escrito; a outra, para destacar a condição das Escrituras, pois a intenção principal do apóstolo ao referir-se às Escrituras dessa forma, aproveitando-se do adjetivo “ἱερὰ” (*hiera*, “Sagrada”, “Santa”, “Pura”) era a de demonstrar sua origem e autoridade. A evidência que corrobora com esta assertiva está expressa na frase: “πᾶσα γραφή θεόπνευστος” (*pasa grafê theopneustos*), “toda a Escritura é inspirada por Deus”. As Escrituras só são sagradas porque procedem de Deus!

O termo “πᾶσα” (*pasa*) que foi traduzido por “toda”, também pode ser traduzido por “cada”. Isto deixa claro, que “cada” parte da Escritura é inspirada por Deus; tudo o que foi escrito nos manuscritos originais (autógrafos) da Escritura é fruto da inspiração divina. Embora o apóstolo tenha iniciado o assunto sobre a Escritura, com um conceito que comumente era usado pelos judeus que falavam grego para descrever as Escrituras do Antigo Testamento, não tinha em mente apenas esta parte das Escrituras.

Quando o apóstolo Paulo escreveu a primeira epístola a Timóteo (provavelmente entre os anos 63 a 66 d.C.), o Evangelho de Lucas (escrito provavelmente no ano 60 d.C.) já era contado entre os escritos inspirados. Isto é claramente percebido na menção que ele faz de Lucas 10.7, junto com Deuteronômio 25.4, como uma citação declarada das “Sagradas Escrituras” (1 Tm 5.18). Então, quando o apóstolo usa a frase: “πᾶσα γραφή θεόπνευστος” (*pasa grafê theopneustos*), não estava se referindo exclusivamente ao Antigo Testamento. Logo, tanto para Pedro quanto para Paulo, “As Sagradas Escrituras” já não eram mais apenas “a Lei, os Profetas e os Salmos” (cf. Lc 24.27; 44-45)!

Toda a Escritura, (tanto o Antigo, quanto o Novo Testamento) é fruto da inspiração divina. Todas as partes da Bíblia foram inspiradas pelo Espírito Santo. Todas as palavras que compõem o conteúdo que foi escrito nos autógrafos da Bíblia, foram inspiradas por Deus. Este conceito é comumente denominado de *inspiração verbal e plenária*, como explica o Dr. Richard J. Sturz:

Creio que a teoria plenária e verbal é a melhor explicação de como a Bíblia foi inspirada. É chamada *plenária* porque se refere a todas as partes da Bíblia, *verbal* porque alcança as próprias palavras com que as Escrituras foram escritas no manuscrito original. De acordo com esse conceito, as ideias já verbalizadas foram criadas pelo Espírito Santo no coração e na mente dos autores (STURZ, 2012, p. 43-44).

A palavra θεόπνευστος (*theopneustos*), que foi traduzida por “inspirada”, tem literalmente o sentido de “soprada por Deus”; talvez, o termo “expirada” seja mais adequado ao que o texto quer dizer. Enfim, as Escrituras foram produzidas (criadas) por Deus, saíram dele e foram “sopradas para dentro” dos escritores, ou seja, as Escrituras foram expiradas pelo Espírito Santo e foram aspiradas por seus autores humanos. Elas foram criadas dentro de cada um dos autores por uma ação direta do Espírito de Deus. O Dr. Warfield faz a seguinte descrição a respeito do significado do termo *theopneustos*:

O que é θεόπνευστος é ‘soprado por Deus’, produzido pelo sopro criador do Todo-poderoso. E a Escritura é chamada θεόπνευστος, a fim de designá-la como ‘soprada por Deus’, o produto da expiração divina, a criação daquele Espírito que está em todas as esferas da atividade divina, o executivo da divindade... Ela não expressa um sopro na Escritura por Deus. Mas a concepção comum ligada a ela, seja entre o Pai ou os dogmáticos, é vindicada de um modo geral. O que ela afirma é que as Escrituras devem a sua origem a uma atividade de Deus, o Espírito Santo e elas são no seu sentido mais verdadeiro e mais elevado, uma criação d’Ele. É sobre este fundamento da origem divina que todos os elevados atributos da Escritura são edificados (WARFIELD *apud* CHAEFER, 2003, p.1160).

Os escritores usados por Deus na grafia das Escrituras não serviram como uma espécie de marionete que age de acordo com a manipulação das “mãos de alguém”, no caso aqui, “manipulados por Deus”; muito menos, como um robô, que é programado mecanicamente para efetuar tarefas específicas. Deus usou cada um dos escritores dentro de suas próprias capacidades, limites e personalidade; como já foi dito anteriormente, foi uma “parceria autoral”. Deus, além de produzir as Escrituras, superintendeu todo o processo da escrita dos textos, guiando cada um dos escritores no registro da Palavra de Deus. Todavia, o fez respeitando suas capacidades, particularidades e personalidades. Sobre isso, o Dr. Roy B. Zuck diz o seguinte:

Embora Deus tenha usado autores humanos para escrever as Escrituras, com seus estilos de linguagem particulares e expressando suas próprias personalidades, as palavras que registraram foram ‘inspiradas’ por ele. Assim, inspiração é a obra sobrenatural do Espírito Santo por meio da qual ele orientou e supervisionou os escritores bíblicos para o que escrevessem fosse a Palavra de Deus. Esse ‘sopro’ nos escritos, ou supervisão dos escritos, constituiu numa ação verbal completa. Verbal pelo fato de o Espírito Santo ter orientado a escolha das palavras, que não podem ser divorciadas dos pensamentos. A inspiração da Bíblia também foi completa porque abrangeu todos os trechos da Bíblia. Consequentemente, ela é infalível quanto à verdade e definitiva em autoridade (1994, p.79).

Alguns entenderam a expressão “soprada por Deus” como uma forma de ditado. Por mais que algumas passagens da Escritura sejam provenientes de alguns ditados específicos (Êx 34.27; Jr 30.1,2; 36.1-18; Ap 2-3), não quer dizer que todo o seu conteúdo se deu dessa forma. Habacuque 2.2, o prólogo do Evangelho escrito por Lucas e a maioria das epístolas do Novo Testamento deixam isto evidente. “Soprada por Deus” não quer dizer “ditada por Deus”! De acordo com o Dr. Millard J. Erickson (1997, p. 70), “sopradas por Deus” dá a impressão de que as Escrituras foram produzidas por Deus, assim como ele na criação soprou o folego da vida no homem (Gn 2.7).

Deus, no ato da inspiração das Escrituras, não ficou de fora dos escritores ditando as palavras que deveriam ser copiadas por eles, mas seu sopro produziu no “interior” (mente e coração) de cada um deles as palavras que eles deveriam escrever! Cada um escreveu a partir da sua própria realidade as palavras que o Espírito de Deus havia gerado dentro deles. Portanto, o que se sabe sobre a inspiração, é que alguns homens (cerca de 40) escolhidos por Deus foram “habitados”, “dirigidos” e “capacitados” pelo Santo Espírito para escrever os textos sagrados, no intuito de comunicar a Palavra (mensagem) de Deus, como afirma Gerard Van Groningen:

O Espírito Santo habitou em certos homens, inspirou-os, e assim dirigiu-os que eles, em plena consciência, expressaram-se na sua singular maneira pessoal. O Espírito capacitou homens a conhecer e expressar a verdade de Deus. Ele impediu-os de incluir qualquer coisa que fosse contrária a essa verdade. Ele também impediu-os de escrever coisas verdadeiras que não eram necessárias. Assim,

homens escreveram como homens, mas, ao mesmo tempo, comunicaram a mensagem de Deus, não a do homem (1995, p.64-65).

A Bíblia não é um livro qualquer; ela é verdadeiramente a Palavra de Deus! “O que as Escrituras dizem, Deus diz” (VANHOOZER, 2015, p.76). A Escritura é a Palavra de Deus viva e eficaz (Hb 4.12). Viva, porque Deus fala e age por meio dos seus textos. Eficaz, porque ela não pode falhar e sempre produz o efeito para o qual ela foi instituída por Deus (Is 55.11). Esta realidade demonstra que o mesmo Espírito que inspirou os seus textos, é aquele que continua agindo por meio deles.

3 A AÇÃO CONTÍNUA DO ESPÍRITO SANTO ATRAVÉS DAS ESCRITURAS

“O Espírito é o aperfeiçoador tanto da redação quanto da leitura das Escrituras, quem efetua igualmente a inspiração e a iluminação” (VANHOOZER, 2015, p. 82). O Espírito Santo trabalhou previamente, preparando todas as coisas para que o ato de inspiração das Escrituras pudesse acontecer; o trabalho dele na inspiração da Escritura já cessou; porém, sua ação nela e por meio dela, ainda não! A respeito dessa realidade declara Herman Bavinck:

[...], a Escritura é uma palavra viva e ativa, um ‘árbitro’ dos pensamentos e intenções dos corações [cf. Hb 4.12]. Ela não somente *foi* inspirada, mas ainda é ‘soprada por Deus’ e ‘Deus soprando’. Assim como há muita coisa que precede o ato da inspiração (toda a atividade do Espírito Santo na natureza, na história, na revelação, na regeneração), também há muita coisa que a segue. A inspiração não é um evento isolado. O Espírito Santo, depois do ato de inspiração, não sai da Sagrada Escritura e a abandona à sua própria sorte, mas a sustenta e anima e, de muitas formas, traz seu conteúdo à humanidade, ao seu coração e consciência (BAVINCK, 2012, p. 439).

O doutor Wayne Grudem, falando sobre esta ação contínua do Espírito Santo sobre o cristão por meio das Escrituras, relata o seguinte:

Quando lemos as Escrituras, o Espírito Santo age, convencendo-nos de que todos os livros que temos nas Escrituras vêm todos de Deus e são as palavras de Deus para nós. Cristãos de todas as épocas vêm testemunhando que, quando lêem os livros da Bíblia, as palavras das Escrituras falam ao coração deles como as de nenhum

outro livro. Dia após dia, ano após ano, os cristãos descobrem que as palavras da Bíblia são de fato palavras de Deus que lhes falam com autoridade, poder, e força de persuasão tais que nenhum outro escrito possui. Com certeza a Palavra de Deus 'é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração' (Hb 4.12) (GRUDEM, 2010, p. 38).

Sendo a Bíblia um livro sagrado (divino), entende-se que sem a iluminação do Espírito Santo sua mensagem espiritual não pode ser compreendida! A Escritura afirma que as coisas do Espírito não podem ser percebidas pelo homem natural: "Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (ARA, 1Co 2.14). Isto se aplica também à interpretação da Escritura, pois grande parte de suas mensagens só pode ser discernida espiritualmente.

O homem natural jamais entenderá a mensagem espiritual da Escritura. Portanto, uma condição clara para que o leitor da Bíblia possa conseguir compreender e aceitar as suas mensagens é já ter experimentado o "novo nascimento", pois, "se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (ARA, Jo 3.3b). "A Escritura, como Palavra de Deus, encontra oposição e incredulidade em toda pessoa 'não espiritual'" (BAVINCK, 2012, p. 440).

"As Escrituras são infalíveis porque Deus permanece fiel às suas palavras" (VANHOOZER, 2015, p. 79). A ação contínua do Espírito Santo, por meio das Escrituras, desde a sua origem até agora, atesta que a Bíblia é verdadeiramente a Palavra de Deus; sendo assim, ela é totalmente digna de confiança; afinal, ela é viva, eficaz (ativa), inerrante, infalível, autoritativa, e suficiente. Não há nenhuma possibilidade dela falhar: "Assim como Jesus foi impecável, verdadeiramente humano, mas não sujeito a falhas (i.e., pecado), de igual maneira as Escrituras são infalíveis, verdadeiramente humanas, mas não sujeitas a falhas (e.g. errar)" (VANHOOZER, 2015, p. 77). Por isso, ela é indispensável para a vida de cada ser humano que deseja conhecer a Deus e servi-lo de acordo com a sua vontade!

4 CONCLUSÃO

Diante de tudo o que foi visto a respeito da inspiração, origem e natureza das Escrituras, fica claro que ela é sim suficiente e não precisa de nenhuma atualização.

Mesmo ela sendo um livro antigo, sua mensagem permanece sempre atual, isto porque o Eterno Deus (atemporal – que não envelhece) por meio do seu Santo Espírito que a inspirou, também nunca a abandonou, permanece nela e continua agindo através dela. O fato da Bíblia não tratar de todos os assuntos existentes no mundo, não quer dizer que ela é insuficiente para dirigir o ser humano e orientá-lo a respeito de qualquer assunto que seja! Muito pelo contrário, as verdades da Escritura na direção do Espírito Santo de Deus, são suficientes e aplicáveis de maneira eficaz em todo e qualquer tipo de circunstância!

Dessa forma, a sua mensagem precisa ser apenas contextualizada e não atualizada. A palavra “atualização” está ligada aos conceitos de alteração, inovação e modernização. Sua principal característica é “adequar” o que é antigo aos moldes do que é novo e atual. A contextualização revela as circunstâncias como de fato elas são. Em momento algum, a ação de contextualizar propõe algum tipo de alteração, inovação ou modernização da mensagem das Escrituras no intuito de adequá-la aos moldes dos conceitos e comportamentos da sociedade atual. Na verdade, o seu resultado final propõe justamente o contrário! A mensagem contextualizada da Escritura, é que oferece o paradigma para que os conceitos e comportamentos da sociedade atual possam ser adequados a ele.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE PROMESSAS. Antigo e Novo Testamentos. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 7ª. ed. São Paulo: Juerp/King's Cross, 2012.

A BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamentos. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2ª. ed. rev. atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada**: prolegômena. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. Vol. 1

BÍBLIA DE ESTUDO NTLH, Nova Tradução na Linguagem de Hoje: Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BÍBLIA KING JAMES ATUALIZADA, AT. E NT. São Paulo: Abba Press, 2012.

CHAFER, Lewis Sperry. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FRAME, John M. **A doutrina da Palavra de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

FRIBERG, Bárbara; FRIBERG, Timothy. (Orgs). **O Novo Testamento Grego Analítico**. São Paulo: Vida Nova, 1987.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do N.T. Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: atual e exhaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

KIVITZ, Ed René. Cartas vivas contra letras mortas. **Canal da Igreja Batista Água Branca**, São Paulo, 25 out. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/QLgaENPto2U>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

KÖRBER, Roland. **Bíblia Devocional Diário Versão Permanente: Nova Versão Internacional**. Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2012.

STURZ, Richard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

VAN GRONINGEN, Gerard. **Revelação Messiânica no Velho Testamento**. Campinas: Luz para o Caminho, 1995.

VANHOOZER, Kevin J. **A Trindade, as Escrituras e a função do teólogo: contribuições para uma teologia evangélica**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1994.